

ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 2020: ANÁLISE SOBRE A RECEPÇÃO DAS FAKE NEWS E A DIETA INFORMACIONAL DO ELEITORADO PAULISTANO¹

SÃO PAULO MAYOR RACE ELECTION 2020: ANALYSIS OF PERCEPTION ABOUT FAKE NEWS AND HOW VOTERS HAVE BEEN INFORMED THEMSELVES

Rosemary Segurado (PUC-SP)²
Desirée Luíse Lopes Conceição (PUC-SP)³
Katia Marchena (FESPSP)⁴

Resumo: O presente trabalho apresenta os resultados preliminares do estudo realizado pelos pesquisadores do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política (Neamp) da PUC-SP. O objetivo principal foi analisar a percepção dos eleitores paulistanos sobre a circulação de notícias falsas e a desinformação durante as eleições municipais de São Paulo, em 2020. Abordamos também a dieta informacional dos entrevistados entre o primeiro e o segundo turno das eleições para verificar suas principais fontes de notícias e se há utilização de alguma prática de checagem de informação. Para a metodologia, foi adotada a pesquisa qualitativa que, de acordo com Bauer e Gaskell (2008), se caracteriza por investigar a fundo as percepções sobre um determinado tema, sendo o grupo de discussão o mais apropriado para alcançar os resultados desejados, pois permite compreender atitudes e comportamentos também observados em grupos presentes em nossa realidade social. Entre os resultados obtidos, destacamos que parte significativa dos entrevistados progressistas afirma se informar por meio de grandes veículos de imprensa, tais como jornais impressos e portais de notícias. O perfil conservador afirmou utilizar a internet como forma de acessar informações: alguns portais da grande imprensa, o agregador de conteúdos Google Notícias e redes sociais de forma geral foram os mais procurados.

Palavras-chave: desinformação, fake news, dieta informacional, eleições municipais 2020, checagem de informação

Abstract: This paper presents the preliminary results of an ongoing research from Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política (Neamp) at PUC-SP in Brazil. This article aims to analyze the perception about fake news circulation and misinformation during São Paulo mayor race election 2020. We also

¹ Apresentado ao Grupo de Trabalho Jornalismo Político da 9ª Edição do Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (9ª COMPOLÍTICA), realizado em formato remoto, de 24 a 28 de maio de 2021.

² Cientista Política, professora do Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), pesquisadora do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política (Neamp) e editora da revista Aurora da PUC-SP. Contato: roseseg@uol.com.br

³ Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), graduada em jornalismo pela mesma universidade, especializada em Mídia, Política e Sociedade pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) e pesquisadora do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política (Neamp/PUC-SP). Contato: deluise19@gmail.com

⁴ Jornalista, pesquisadora e especializada em Mídia, Política e Sociedade pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP). Contato: katiahmarchena@yahoo.com.br

addressed how voters have been informed themselves between the first and the second round of election and if they do any fact-checking practice. About the methodology, a qualitative research was chosen, which, according to Bauer and Gaskell (2008), is characterized by deeply investigating the perceptions on a topic, and the discussion group being the most appropriate way because it allows to understand attitudes and behaviors also observed in groups in our social reality. Among the results, we emphasize that significant part of progressive interviewees claims have been informed themselves by mainstream media, such as printed newspapers and websites. The conservative profile claimed to use an internet as a way to access information: some mainstream media websites, the Google news aggregator and social networking sites in general were the most accessed.

Keywords: *misinformation, fake news, information, mayor race election 2020, fact-checking*

Introdução

As informações são base fundamental para o debate democrático, transparente e ancorado em fatos. Nesse sentido, verificamos que atualmente o fenômeno conhecido como *fake news* – notícias falsas, na tradução livre – vêm produzindo impactos nas sociedades. Nos últimos anos, os termos *fake news* e desinformação têm ocupado um lugar privilegiado nas discussões sobre a dieta informacional dos brasileiros, tornando-se um mecanismo cada vez mais relevante para influenciar a opinião pública (LIPPMAN, 2008; CERVI, 2010).

O fenômeno da desinformação está no centro do debate da comunidade de pesquisadores que busca compreender o processo de produção, disseminação e a forma como as pessoas interpretam as notícias falsas, duvidosas ou fraudulentas. A partir da literatura sobre o tema podemos afirmar que o fenômeno das notícias falsas sempre existiu, mas é importante distinguir suas características ao longo da história. A principal delas é a forma de compartilhar a desinformação, principalmente pelo alcance que ela vem adquirindo com ampla disseminação em plataformas das mídias digitais, provocando efeitos negativos na população quando parcela significativa da sociedade está formando suas interpretações dos acontecimentos com base em falsificações.

Buscando se aprofundar na temática da desinformação durante o pleito eleitoral, o Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política (Neamp) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) realizou uma pesquisa com eleitoras

e eleitores do município de São Paulo, entre o primeiro e o segundo turno das eleições em 2020, e no presente trabalho apresentamos os resultados preliminares da análise ainda em fase de elaboração.

O objetivo principal foi verificar a percepção dos eleitores paulistanos sobre a circulação de notícias falsas e a desinformação durante o processo eleitoral, além de compreender as principais fontes de informação adotadas sobre o contexto das eleições. O estudo optou pela metodologia qualitativa, considerando que se trata da estratégia mais adequada para investigar a fundo as percepções sobre um determinado tema que se pretende investigar (BAUER & GASKELL, 2008). A metodologia qualitativa está interessada em compreender a subjetividade dos grupos ou indivíduos, captando os dados por meio de conversas e da livre expressão dos investigados, embasada em técnicas que garantem a confiabilidade dessas informações.

O objetivo da análise qualitativa sobre a percepção dos eleitores em relação a desinformação na eleição municipal de 2020 em São Paulo se sustenta na interpretação deste fenômeno, mediante a conferência de diferentes opiniões de grupos de discussão composto por eleitores sobre os significados que envolvem o fenômeno da desinformação na política pelas redes sociais.

1. Metodologia

A opção pelo âmbito qualitativo da presente pesquisa se adequa a este estudo por apresentar um diagnóstico sobre a interpretação da desinformação nas eleições, a partir de entrevistas em profundidade entre grupos conservadores e progressistas, de gênero misto e subdivididos pela idade e classe social. Ao privilegiar tal qualidade, se ressaltam os diferentes espectros da percepção social que se constrói diante do fenômeno das *fake news* nas eleições municipais de São Paulo em 2020.

Durante a pesquisa foram adotadas duas técnicas: o grupo de discussão e a entrevista em profundidade. O grupo de discussão é um dos métodos mais apropriados para alcançar os resultados desejados, considerando que permite compreender atitudes e comportamentos em grupos inseridos em uma dada realidade social. Consideramos que o uso dessa técnica foi fundamental para alcançar os

objetivos da pesquisa e poder compreender as estratégias adotadas pelos informantes-entrevistados para compor as respectivas dietas informacionais. A técnica de discussão em grupo foi realizada adotando o formato europeu, no qual os participantes interagiram e o moderador direcionou o diálogo dos grupos.

Os grupos foram guiados por um roteiro de questões semiabertas, além do uso de imagens divulgadas nas redes digitais e outros meios de comunicação, avaliadas pelos participantes. O uso da imagem foi essencial, uma vez que interessa compreender o impacto da desinformação no pleito eleitoral. Diferentemente de uma pesquisa quantitativa, não se busca com isso projeções estatísticas, mas sim compreender ideias, sentimentos, atitudes e motivações.

Além dos grupos de discussão, também recorreremos à realização de entrevistas, considerando que essa técnica possibilita a conversação com pessoas que podem trazer informações relevantes para o processo de investigação (LIMA, 2016) e, frequentemente, é utilizada junto a outras técnicas de pesquisa como, por exemplo, os grupos de discussão.

Adotamos a técnica de entrevista em profundidade semiaberta por entendermos que era a ferramenta mais adequada para captarmos as formas como nossos informantes-entrevistados compunham sua dieta informacional, o que possibilitou identificar “os motivos pelos quais determinadas fontes jornalísticas são as mais ou (menos) utilizadas, como são acessadas, dificuldades, problemas, vantagens e desvantagens” (DUARTE, 2005, p. 63).

Em relação ao roteiro com questões-guia, conjugamos a flexibilidade da questão não estruturada a um roteiro com tópicos mais definidos. Essa dinâmica possibilitou explorar de forma mais aprofundada os aspectos que mais interessavam à pesquisa, como compreender os efeitos das notícias falsas e da desinformação durante o período selecionado para a coleta de informações.

Os participantes dos grupos de discussão e os informantes das entrevistas em profundidade foram definidos por compartilharem características nos perfis ideológicos conservadores e progressistas, e passaram por um filtro de recrutamento prévio com uma bateria de questões socioeconômicas e ideológicas. Organizamos os grupos nas seguintes faixas etárias: 16 a 24, 25 a 35, 36 a 45, 46 a 55 anos.

Para a exposição das percepções dos participantes neste *paper*, cabe ressaltar que em razão da preservação do anonimato dos sujeitos, foi realizada a troca dos nomes verdadeiros dos entrevistados por nomes fictícios.

1.1. Conservadores

Na 1ª rodada da pesquisa, antes do 1º turno das eleições, foi realizada uma entrevista com dois conservadores da faixa etária de 36 a 45 anos.

Considerando as faixas etárias, na 2ª rodada realizamos:

- de 16 a 24 anos - uma entrevista em profundidade (com apenas um respondente) e uma entrevista com dois respondentes;
- de 25 a 35 anos - duas entrevistas em profundidade;
- de 36 a 45 anos - um grupo de discussão;
- de 46 a 55 anos - duas entrevistas em profundidade.

Foram ao todo doze respondentes de corte conservador. Destes, a maioria está cursando ou cursou nível superior de escolarização. Exceto um respondente não está trabalhando, a maioria dos que trabalham é celetista, um deles faz estágio e os demais são autônomos. Com relação à faixa econômica familiar um deles não quis responder, quanto aos outros onze estão assim dispostos:

- Mais de R\$ 1.401,00 até R\$ 2.090,00 (Grupo C/D): dois respondentes
- Mais de R\$ 2.090,01 até R\$ 5.225,00 (Grupo B): três respondentes
- Mais de R\$ 5.225,01 até R\$ 10.450,00 (Grupo B): quatro respondentes
- Mais de R\$ 10.450,01 até R\$ 20.900,00 (Grupo A): dois respondentes

Quanto à autodefinição racial seis respondentes se dizem brancos, quatro pardos e dois pretos.

Finalizando a bateria de perguntas sobre o perfil socioeconômico, temos cinco respondentes que dizem não ter nenhuma religião; três se identificam como católicos; e como cristão, protestante, evangélico e umbandista cada um deles.

Ao perguntarmos sobre o comportamento em redes sociais ou aplicativos de mensagens instantâneas quando o assunto é política todos mencionaram que costumam ler; houve cinco menções a ignorar o assunto; quatro menções sobre curtir

e quatro sobre compartilhar informações políticas; três menções sobre bloquear e outras três sobre comentar.

Nosso filtro de seleção apresentou questões relativas a valores e comportamentos progressistas e conservadores. Quando questionamos sobre a positividade da ditadura militar de 1964, quatro respondentes a confirmaram (concordaram que foi boa para o Brasil), embora os mesmos quatro tenham concordado com ser a democracia a melhor forma de governo existente. Dois respondentes discordaram sobre a democracia ser a melhor forma de governo e discordaram sobre a positividade da ditadura militar brasileira. A maioria dos respondentes (dez) concordou com o uso da violência policial em algumas situações com o intuito de manter a ordem.

Sobre as questões relativas ao Estado, houve certo equilíbrio entre aqueles que concordaram que o governo deva interferir na economia, sete respondentes, e os que discordaram, cinco respondentes; quando inquiridos se garantir saúde, segurança e educação à população deve ser uma obrigação do governo, esse equilíbrio se desfez já que dez respondentes concordaram com tal afirmação.

Quanto ao uso político da religião, houve concordância de apenas um respondente, identificado como protestante e que também foi o único a discordar da afirmação de que “um casal gay com filhos é uma família como outras”.

1.2. Progressistas

Na 1ª rodada da pesquisa, antes do 1º turno das eleições realizamos entre os progressistas:

- 16 a 24 anos - um grupo de discussão;
- 25 a 35 anos - um grupo de discussão;
- 36 a 45 anos - um grupo de discussão;
- 46 a 55 anos - uma entrevista com dois respondentes.

Considerando as faixas etárias estabelecidas na pesquisa, na 2ª rodada, anterior ao 2º turno, efetuamos:

- 16 a 24 anos - uma entrevista em profundidade;
- 25 a 35 anos - um grupo de discussão;

- de 36 a 45 anos - um grupo de discussão;
- de 46 a 55 anos - duas entrevistas em profundidade.

Foram ao todo vinte e quatro respondentes de corte progressista. Metade dos respondentes (doze) diz possuir nível superior completo, dois deles disseram não ter completado o ensino superior até o momento, e sete são pós-graduados, o que denota o alto grau de escolarização do grupo como um todo. Um respondente afirmou ter ensino médio completo, enquanto outros dois não concluíram essa etapa de ensino. Sobre empregabilidade, dois que estão na 1ª faixa etária não estão trabalhando, além de mais dois respondentes. Todos os outros (vinte pessoas) possuem trabalho, sendo que metade é celetista, sete são autônomos, dois estagiários e um funcionário público.

Com relação à faixa econômica familiar um deles não quis responder, os outros vinte e três entrevistados estão assim dispostos:

- 1 salário-mínimo até R\$ 1.401,00 (Grupo C/D): dois respondentes
- Mais de R\$ 1.401,00 até R\$ 2.090,00 (Grupo C/D): um respondente
- Mais de R\$ 2.090,01 até R\$ 5.225,00 (Grupo B): cinco respondentes
- Mais de R\$ 5.225,01 até R\$ 10.450,00 (Grupo B): dez respondentes
- Mais de R\$ 10.450,01 até R\$ 20.900,00 (Grupo A): cinco respondentes

Quanto à autodefinição racial a maioria se diz branco (dezesesseis respondentes), quatro pardos e dois pretos, um indígena e um amarelo.

Finalizando a bateria de perguntas sobre o perfil socioeconômico, temos a maioria (treze) dos respondentes dizendo que não professam nenhuma religião. Os demais se apresentam em grande dispersão: temos três católicos e três evangélicos; dois espíritas; um cristão, um batista e um umbandista.

Em relação ao filtro de seleção dos progressistas, quando questionamos sobre a positividade da ditadura militar de 1964, dois respondentes a confirmaram (concordaram que foi boa para o Brasil), um deles também discordou sobre a democracia ser a melhor forma de governo existente, o outro não (foram dois os respondentes que apresentaram essa discordância). Temos, portanto, vinte e dois respondentes discordando da afirmação de que a ditadura foi boa para o Brasil, e vinte e dois concordando que a democracia é a melhor forma de governo.

Sobre o uso da violência policial em algumas situações com o intuito de manter a ordem, tivemos quase um empate: doze respondentes discordaram de tal afirmação, onze concordaram e apenas um não quis responder.

Quanto às questões relativas ao Estado, a maioria concorda que o governo deve interferir na economia, dezenove respondentes, e os que discordaram foram cinco respondentes; sobre se o governo deve garantir saúde, segurança e educação aos cidadãos, apenas um respondente discordou.

Em relação ao uso político da religião, houve concordância de dois respondentes (um católico e o outro sem religião). Apenas um respondente concordou com a afirmação de que “um casal gay com filhos é uma família como outras”, sendo este evangélico.

2. Dieta informacional de conservadores e progressistas

Entre os resultados obtidos destacamos a dieta informacional. Parte significativa dos entrevistados, com mais predominância nos progressistas e menos entre os conservadores, afirma se informar por meio de grandes veículos de imprensa, tais como jornais impressos e portais de notícias. Por outro lado, a pesquisa detectou que poucos assistem os telejornais, afirmando que não é um meio mais utilizado para a busca de informações, alguns por desconfiança, mas a maioria por privilegiarem outras formas de consumo de notícias.

Identificamos entre os efeitos da polarização política, ocorrida nas eleições presidenciais de 2018, uma mudança no comportamento dos entrevistados, tanto progressistas quanto conservadores, em relação a disseminação e recepção de mensagens políticas e participação nas redes sociais. Em ambos os perfis verificamos uma espécie de esgotamento do processo eleitoral presidencial e, com receio que o mesmo fenômeno se repetisse, decidiram ser menos ativos em plataformas como WhatsApp e, principalmente, no compartilhamento de informações.

Para alguns dos participantes progressistas a propagação de *fake news* por parentes, amigos ou conhecidos gera indignação, ao mesmo tempo que os entrevistados encontram nessas relações de proximidade uma justificativa para a motivação em acreditar e propagar as notícias falsas:

[...] parece ser um dado fundamental na conduta política de nosso tempo. Os cidadãos selecionam informações que recebem em função de suas convicções, enraizadas nas emoções que sentem. A deliberação é secundária (CASTELLS, 2017, p. 60).

Já entre os conservadores chamou atenção a existência de um desinteresse mais generalizado. Os participantes citaram uma descrença em relação à política como um todo. João (16-24 anos) disse ter “preguiça de se informar sobre eleições”, enquanto Gustavo (25-35) afirmou que “política não é algo que dou muita atenção”, para citar algumas declarações.

Corroboram o sentimento afirmações que revelam não encontrar nos mecanismos do sistema político um caminho promissor de efetiva transformação social, constatadas em falas como a do Francisco (36-45) que disse serem “muitas promessas desde que me conheço por gente [...] Eu não vejo nada de novo” e do Marcelo (36-45) que revelou que “eu só voto hoje porque é uma obrigação”. Tal desinteresse pode ser prejudicial à democracia:

[...] nos países recentemente democratizados os cidadãos que protagonizam a síndrome da desconfiança institucional tenderam, muitas vezes, a afastar-se da política ou a desinteressar-se de seus rumos. Em vários casos de novas democracias, embora a maioria do público expresse cada vez mais a sua adesão ao significado normativo do regime democrático, a frustração com o desempenho das instituições democráticas produz desconfiança (MENEGUELLO & MOISÉS, 2013, p. 1).

A dieta informacional do perfil conservador revelou utilizarem a internet como forma de acessar informações, mas com plataformas diferentes dos progressistas. Surgiu com frequência além dos portais da grande imprensa, o agregador de conteúdos Google Notícias e redes sociais de forma geral foram os mais procurados. No contexto contemporâneo das redes digitais, “ganham então relevância a agregação de conteúdos e o gerenciamento de serviços em sistemas digitais (ibid p. 95) processo que deixa empresas digitais como o Google estrategicamente mais bem posicionadas” (SANTOS, 2014, p. 145).

Embora também manifestem desconfiança em relação à cobertura dos telejornais, verifica-se motivações e críticas com caráter diferente dos entrevistados progressistas, considerando que são mais enfáticos ao dizerem que o telejornal é parcial e manipulador, mais que desconfiança, há certeza que as TVs não informam

adequadamente. Marcelo (36-45) mencionou: “acredito mais nos canais que vejo na internet, porque eu acho que a TV é manipulada”.

As constatações subvertem, em certa medida, o que Sartori (2001) e Bourdieu (1997) reforçavam sobre a incidência do poder do vídeo tomando como foco principal a televisão. De acordo com Bourdieu, “a imagem tem a particularidade de por produzir o que os críticos literários chamam de efeito de real, ela pode fazer ver e fazer crer no que se faz ver” (1997, p. 28). Porém, as entrevistas realizadas demonstraram o contrário ao menos em relação ao recorte da pesquisa, com foco nas eleições 2020. Neste caso, consideramos que a presença maciça das redes digitais na sociedade reflete esse novo momento.

Ainda em relação a desconfiança, cabe ressaltar que a emissora de televisão Globo foi bastante mencionada e na maioria dos casos como sinônimo de informação de má qualidade, entre os respondentes conservadores. A crítica à Rede Globo surgiu nas falas dos entrevistados ao classificá-la como “qualidade Globo de jornalismo”.

Nesse sentido, no perfil conservador, a declaração da Mariana (36-45) trouxe: “embora eu não sou Bolsonaro, mas também não há prova se o cara fez errado, se não fez, então começa aquela guerra e eu acabo não confiando na Globo de jeito nenhum, não confio”. Alan (36-45) classifica a emissora como “péssima”, sendo que Marcelo (36-45) diz que “desconfio, mas assisto por um princípio: de manter os amigos perto, e os inimigos mais perto ainda, é a Rede Globo. A Rede Globo pra mim é um desserviço hoje na nossa sociedade. Vejo que eles são totalmente tendenciosos, e não confio em nada”.

Assim, foi possível apreender que os sujeitos de tipo conservador acessam os grandes veículos de comunicação. Também, uma parte deles confia na imprensa, como o João (16-24) que diz confiar “por ser grande”. Outra parte acredita que grandes veículos são enviesados na produção e publicação de notícias, como Catarina (25-35) que desconfia dos jornais impressos, e diz não saber se todos falam a verdade, e o Leandro (16-24) que afirma ter como fonte a grande mídia, mas não confia pontualmente na *Folha de S. Paulo* e no que chamou de “blogs de esquerda e de direita”.

Nos parece importante ressaltar que a imprensa permanece como fonte de informação para os entrevistados conservadores, porém aparecem em conjunto com críticas e dúvidas sobre a qualidade do trabalho jornalístico realizado por grandes veículos. Parte dessa desconfiança pode ser explicada pela crise vivenciada pela imprensa brasileira no início do século 21, impactada pela revolução tecnológica, marcada pela chegada da internet, que modificou completamente o negócio “mídia” (FELIX, 2010), mas não só:

No fim do século XX, a mídia apresentava um quadro composto destes principais elementos: crescente modernização tecnológica, incapacidade financeira de investimento, dependência governamental, conflitos entre acionistas em quase todas as grandes empresas, além da conjuntura (FELIX, 2010, p. 170).

O que significou por parte das empresas de mídia: buscar por redução de custos; precarização do trabalho nas grandes redações (demissões em massa e jornalistas passando a desempenhar multitarefas); tempo reduzido para a produção de notícias; etc. Tal cenário passou a ser incompatível com o exercício da produção jornalística, impactando na qualidade da informação disponibilizada pela imprensa.

Ademais, nos últimos anos, a imprensa brasileira passou a sofrer ataques sistemáticos de políticos, governantes e influenciadores digitais de extrema direita, o que vem contribuindo para a crescente desconfiança da população em relação ao trabalho jornalístico. Das comunicações em que o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) citou o termo *fake news* em seu *Twitter*, durante os três primeiros meses de 2019 – seu primeiro ano de mandato –, 81% delas estavam atreladas à mídia, colocando em cheque o trabalho da imprensa (CONCEIÇÃO & LOBO, 2019).

Corroborando com o cenário, posições como a do deputado federal Otoni de Paula (PSC-RJ), em uma das audiências da CPMI das *Fake News*, em dezembro de 2019. Após tecer elogios ao fundador do blog *Terça Livre* Allan dos Santos, afirmou: “o que me preocupa e o que nos deve preocupar não são *fake news* feitas nas redes sociais, às vezes de um amadorismo extremo, mas são aquelas promovidas pelos órgãos oficiais de imprensa” (CHICARINO & CONCEIÇÃO, 2020).

Ainda sobre a dieta informacional, mas em relação ao perfil dos progressistas, a quase totalidade dos entrevistados afirmou que procura se informar por meio de

grandes veículos de imprensa e mostraram uma preocupação em consumir notícias com base factual. Nesse sentido, destacamos uma atenção com os fatos e como a imprensa tradicional ainda é mencionada como a fonte de busca para a maioria do grupo de corte progressista.

Os jornais impressos foram os mais citados pela maioria dos participantes. A *Folha de S. Paulo* apareceu em grande parte das respostas, seguida pelo *O Estado de S. Paulo*. O jornal *O Valor* foi citado apenas por um dos entrevistados, assim como o *EL País*. Quando não mencionado um veículo específico, muitos entrevistados citaram “jornais impressos” e “sites de jornais impressos” como preferências. A internet foi citada como forma de busca de informação pelos entrevistados, porém o que se verificou é que procuram os grandes portais, embora também destaquem o YouTube na lista dos canais de informação.

No grupo mais jovem, entre 16 e 24 anos, uma característica marca uma nova maneira de buscar notícia fora do eixo da imprensa tradicional. Nesse grupo, os pequenos sites, blogs e imprensa alternativa foram citados pela maior parte dos entrevistados demonstrando uma nova configuração na forma dessa geração em acessar informação. O Mídia Ninja⁵ foi citado por parcela dos entrevistados entre 25 a 35 anos, que consideram o site como imprensa tendenciosa.

3. *Fake news* e checagem de informação

De forma unânime, constatamos que tanto os conservadores como os progressistas se mostraram preocupados em relação à circulação de *fake news* na sociedade.

Os conservadores relataram acreditar ser um mecanismo prejudicial e alguns participantes chegaram a mencionar o objetivo das *fake news* como Amauri (46-55) que comenta ser um tipo de informação “que está querendo levar você a acreditar em alguma coisa que não é verdadeira, pra gerar uma ação de crença, de posicionamento em cima dessa manipulação de informação. Então o que eu entendo de *fake news* é

⁵ Caracterizada como um grupo de comunicadores que utiliza o jornalismo como uma das ferramentas para fortalecer “narrativas que não tem visibilidade nos meios convencionais de comunicação”, segundo o próprio site do grupo. Disponível em <https://midianinja.org/perguntas-frequentes/>. Acesso em 1/5/21.

uma informação que está querendo desvirtuar”. Parecendo haver a compreensão por parte do entrevistado de que há uma intencionalidade na produção de notícias falsas.

Identificamos também como presentes os princípios da checagem de informação no discurso dos entrevistados do grupo de perfil conservador. Os participantes afirmaram que há necessidade de desconfiar das informações que circulam e de se preocupar com as comunicações que recebem, pois “pode não ser verdade”. Assim, afirmaram não acreditarem em tudo que lhes é apresentado e realizarem checagem de informação para confrontar dados e fatos.

Projetos que realizam checagem de informação entendem a verificação de discursos públicos como atividade importante para a informação de qualidade na democracia (CONCEIÇÃO, 2018):

[...] o trabalho desenvolvido na checagem se relaciona com um contexto que têm se apresentado nos últimos anos, o do crescimento de casos de *fake news* nas redes digitais que têm favorecido o que se pode chamar de desinformação. As redes permitem a circulação de quantidade cada vez maior de conteúdos tornando as informações mais acessíveis, mas também esse ambiente favoreceu a proliferação de notícias falsas, que encontrou um território livre para reverberar principalmente nas redes sociais digitais (CONCEIÇÃO & SEGURADO, 2020, p. 170).

Por outro lado, chama a atenção entrevistados que mencionaram realizarem checagem utilizando sua rede de relacionamento, revelando uma apropriação da noção de checagem, mas na prática consultando fontes não adequadas ao exercício da prática. Catarina (25-35) relatou que em alguns casos pesquisa no buscador Google ou “pergunta para pessoas que sabem”. Amauri (46-55) também consulta por mensagens privadas o que chamou de “pessoas muito mais envolvidas no processo, nas discussões, de maneira mais ativa”. Por fim, Joel (16-24) afirmou que sua cunhada “é bem mais atuante” do que ele, que por ela ter uma conta no *Twitter* com 20 mil seguidores é uma boa fonte de consulta, além de utilizar o buscador Google.

No grupo de progressistas, houve em comum a percepção de que as *fake news* diminuíram durante o processo eleitoral, acreditando que estavam mais presentes nas eleições de 2018 e que incentivaram a polarização que marcou o pleito daquele ano. Conforme podemos observar na fala de Amanda (36-45 anos):

É, eu em comparação com 2018, que foi o último pleito, realmente eu tô achando muito fraco essas coisas de WhatsApp. Talvez porque em 2018 foi exagerado demais né, foi uma enxurrada, um negócio que nunca aconteceu

antes né. Muita coisa de WhatsApp, enfim. Então, quando eu olho pra 2018 eu realmente vejo que tá bem fraquinho.

As *fake news* e a desinformação na política foram um passo à frente nas estratégias de envolver o eleitor para garantir voto e tomaram corpo já nas eleições para a presidência dos Estados Unidos, em 2016. No Brasil, o fenômeno ganhou destaque nas eleições presidenciais de 2018, sendo que um conjunto de denúncias envolvendo o pleito estão sendo apuradas na Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI), criada em 2019.

Os entrevistados progressistas demonstraram ter conhecimento das implicações da desinformação para o processo democrático e, em vários momentos, se referem a esse fenômeno como mentira, além do fato de considerarem a desinformação um risco para a população também durante a pandemia de Covid-19.

Também chamou a atenção que parte expressiva dos entrevistados progressistas responsabiliza o presidente Jair Bolsonaro pelo crescimento da desinformação no país. Carlos (25-35) afirmou que “eu tenho pra mim que um dos impactos negativos foi realmente ter levado à presidência o Bolsonaro, esse pra mim foi o maior erro, e foi culpa [também] da *fake news* pra mim”. Ainda destacaram a atuação do atual presidente no processo informacional. Segundo **Roberto (25-35)**:

[...] o próprio candidato hoje presidente profere *fake news*, ele vive transmitindo esse tipo de informação. E quando você tem um chefe de Estado compartilhando esse tipo de informação, isso passa uma mensagem direta ou indireta pra população, de que você pode acreditar em mentira, pode propagar mentira que não vai ter problema. Isso diz respeito também à pandemia, eu acredito que se ele tivesse um discurso pró-ciência o número de mortes no Brasil seria muito menor.

Entre os entrevistados do grupo, foi reiterada a preocupação com a qualidade da informação e também com a responsabilidade no compartilhamento de informações sem que haja critérios de verificação. Manifestaram, ainda, sobre a dificuldade de estabelecer algum tipo de controle sobre a circulação de informações falsas, conforme retratou Eduardo (16-24): “então acho que é uma linha muito tênue de você deixar isso na mão de pessoas que podem se favorecer disso, prejudicando a informação, a disseminação de informação verdadeira, né, de notícia de verdade”.

Considerações finais

O estudo realizado ainda está em análise preliminar, mas algumas questões já podem ser extraídas nessa etapa. A maioria dos entrevistados demonstrou uma espécie de saturação em relação ao pleito de 2018, momento em que houve diversas denúncias de produção e disseminação em massa de notícias falsas e duvidosas, sobretudo pelo impacto produzido nas relações familiares e sociais após uma série de conflitos ocasionados pelo debate político em torno daquele processo eleitoral. Esse cansaço explicitado nos grupos de discussão fez com que mudassem suas condutas durante as eleições municipais de 2020, mantendo-se mais atentos às fontes de informação e à incorporação da conduta de checagem de fatos.

A checagem de informação foi mencionada por parte dos entrevistados que se mostraram mais preocupados com as fontes das notícias e aqui notamos uma divisão entre progressistas e conservadores. Enquanto o primeiro grupo, de maneira geral, buscava informações na grande mídia, a chamada imprensa tradicional, o grupo de conservadores expressava desconfiança dos grandes meios e conferiam as informações em portais de notícias, mas também em fontes questionáveis do ponto de vista da qualidade informativa.

Os entrevistados associam notícia falsa à mentira e demonstraram grande inquietação com o crescimento da desinformação e os prejuízos ocasionados na vida das pessoas. Nesse sentido, chamou a atenção que a pandemia da Covid-19 surgiu de forma espontânea em vários depoimentos, sendo que o grande volume de notícias duvidosas, fraudulentas e falsas associadas a essa temática recente na sociedade é crescente. Essa apreensão pode ser confirmada com o trabalho que as agências de checagem vêm desenvolvendo desde o início da pandemia, o que mostra a continuidade da grande circulação de informações sem base factual.

Referências

BAUER, Martin W., GASKELL, George, **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7ª.ed., Petrópolis: Vozes, 2008.

BOBBIO, Norberto, **Direita e Esquerda – razões e significados de uma distinção política**, 3ª ed., São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CASTELLS, Manuel, **Ruptura, A crise democrática liberal**, Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CERVI, Emerson, **Opinião pública e comportamento político**, Curitiba: Intersaberes, 2010.

CHAGAS, V. A febre dos memes de política. **Revista FAMECOS**, v. 25, n. 1, p. ID27025, 2 jan. 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/27025/16239>. Acesso: 22/03/2021.

CHICARINO, Tathiana; CONCEIÇÃO, Desirée Luíse Lopes. **Uma análise da produção de desinformação nas eleições 2018 a partir da CPMI das Fake News**. Paper apresentado no 44º Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 2020.

CONCEIÇÃO, Desirée Luíse Lopes. **Internet e cidadania: o estímulo ao debate político por meio do jornalismo fact-checking – Um estudo de caso do projeto “Truco!”**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

CONCEIÇÃO, Desirée Luíse Lopes; LOBO, Denis Augusto Carneiro. **Ódio e fake news como estratégia política no discurso de Bolsonaro nas redes sociais digitais**. Paper apresentado no 43º Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 2019.

CONCEIÇÃO, Desirée Luíse Lopes; SEGURADO, Rosemary, **Fact-checking: uma análise da checagem de informação política do projeto Truco! In: Dossiê: Sociologia digital: tópicos e abordagens teórico-metodológicas da pesquisa social no século XXI**, v. 25 n. 48 (2020).

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yonna. *A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa*. IN: _____ e col. **O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: ArtMed, 2006, p.15-41.

DUARTE, Jorge, **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**, Niterói: Atlas, 2005.

FELIX, Jorge. **O capital com pressa e o jornalista sem fonte**. In: MARQUES, Rosa Maria; JANSEN, Mariana (orgs). **O Brasil Sobre a Nova Ordem – A economia brasileira contemporânea**. 1.ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

MARWICK, Alice e LEWIS, Rebecca (2017). **Media Manipulation and Disinformation Online**. **Data & Society Research Institute**. Disponível em: https://datasociety.net/pubs/oh/DataAndSociety_MediaManipulationAndDisinformationOnline.pdf. Acesso: 05/03/2021.

MOUFFE, Chantal. **En torno de lo Político**; traducido por Soledad Laclau. Ed. Fondo de Cultura Económica da Argentina, Buenos Aires, 2007.



RANCIERE, Jaques. *Dissensus: On Politics and Aesthetics.*, Ed. Continuum, London, 2010.

SHIFMAN, Lionor Memes in a Digital World: Reconciling with a Conceptual Troublemaker **Journal of Computer-Mediated Communication**; International Communication Association, 2013, p. 362-377.

LIMA, Marcia, **O uso da entrevista na pesquisa empírica** in: Métodos de pesquisa em Ciências Sociais – Bloco Qualitativo, São Paulo: Sesc São Paulo, Cebrap, 2016.

LIPPMANN, Walter – **Opinião Pública**, Editora Vozes, Rio de Janeiro, 2008.

MENEGUELLO, Rachel & MOISÉS, José Álvaro. **Efeitos da desconfiança política para a legitimidade democrática**. In: MENEGUELLO, Rachel & MOISÉS, José Álvaro (orgs). *A Desconfiança Política e os Seus Impactos na Qualidade da Democracia*. São Paulo: Edusp, 2013.

SANTOS, Carlos Eduardo Sandano. **Para além do código digital: Discussões epistemológicas para a prática jornalística na contemporaneidade**. Orientadora: Cremilda Medina. 2014. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SARTORI, Giovanni. **Homo-videns – Televisão e pós-pensamento**. Bauru: Edusc, 2001.